

RUBEM BRAGA

Argumentos de Lata

A EXPLICAÇÃO fornecida pela SUMOC nesse caso da indústria da lata veio com atraso, veio comprida e veio feia — e não explica nada. O que alega não prova; e teve, seu redator, todo o cuidado em não abordar um só dos pontos fundamentais em que se baseia o protesto da indústria nacional contra o favor concedido ao truste norte-americano.

Se fôssemos aceitar a validade de argumentos do tipo desses que a SUMOC usou, então para que diabo existir a SUMOC? Se amanhã uma organização norte-americana quiser favores para abrir aqui uma fábrica de tecidos de algodão, como negá-los? Isso seria ferir os princípios sagrados da «livre concorrência»; impedir, quem sabe, um barateamento do produto no mercado interno, prejudicar o comércio importador e exportador...

Nenhuma indústria nacional, nem uma só, poderia subsistir se fôssemos levar a sério a lógica de encomenda que se adotou nesse caso. Isso a começar pela siderurgia da Volta Redonda que tão estranhamente foi chamada a opinar, e a acabar pela Petrobrás. Todas as forças em que se poderia basear um esforço sério de libertação da economia nacional estariam desde logo suprimidas. Nossas fábricas se fechariam uma a uma e iríamos todos plantar batatas — definitivamente coloniais.

Nada me parece mais cômico nem mais significativo nesse caso que o apoio que o governo foi encomendar à última hora para impressionar a opinião: a da honrada direção da Confederação Nacional do Comércio. Meu Deus, por que não consultar também às sociedades rurais ou à federação das associações de pesca submarina, interessada no barateamento do pé-de-pato ou do arpão? Ah, há de ser sempre com uma lágrima no canto do olho que ouvirei esses grossos senhores do grande comércio desta praça darem aulas sobre o desenvolvimento da economia nacional ou erguerem seu pavilhão em defesa do custo da vida...

Um dia saberemos talvez em miúdos — porque «em sociedade tudo se sabe», como repete nosso caro Ibrahim — quais foram os «argumentos» reais que levaram a SUMOC a se curvar às pretensões do truste americano. Afirmou-se (e ninguém até agora disse nada em contrário) que o «big shot» da American Can é irmão do presidente do Banco em que nosso governo esperava obter um empréstimo de 100 milhões de dólares; arruinaríamos toda uma indústria nacional por uma injeção de óleo canforado em nossas finanças...

Francamente não sei. Deve haver outros «argumentos». Um dia os saberemos, até lá, repito, esse governo ficará com uma lata (americana) amarrada no rabo... Pode ser que não lhe pese; mas que faz barulho, faz.